

RESUMO

Sistematização dos critérios fundamentais para a escolha do sítio de implantação de dez cidades islâmicas portuguesas (Santarém, Lisboa, Elvas, Évora, Alcácer do Sal, Mértola, Silves, Lagos, Tavira e Faro).

Conclui-se que esses critérios são tipificados e vão de encontro às teorias propostas na literatura para o urbanismo da época. Como requisitos básicos, destacam-se em Portugal as preferências por uma colina, na proximidade de um rio, em zonas onde preexistiam vias romanas e abundavam os terrenos férteis.

PALAVRAS CHAVE: Idade Média (islâmico); Urbanismo.

ABSTRACT

Summary of the main criteria used to choose the site of ten Islamic towns in Portugal (Santarém, Lisbon, Elvas, Évora, Alcácer do Sal, Mértola, Silves, Lagos, Tavira and Faro).

The author concludes that such criteria are in accordance with the theories put forward by the literature for urban development at the time. Among the main requirements in Portugal were preference for a hill, and proximity to a river, to pre-existing Roman roads and to abundant fertile land.

KEY WORDS: Middle ages (Islamic); Urban development.

RÉSUMÉ

Systématisation des critères fondamentaux à la base du choix du site d'implantation de dix villes islamiques portugaises (Santarém, Lisbonne, Elvas, Évora, Alcácer do Sal, Mértola, Silves, Lagos, Tavira et Faro).

On conclut que ces critères sont typés et vont à l'encontre des théories proposées dans la littérature sur l'urbanisme de l'époque. Comme prérequis de base, sont mises en relief pour le Portugal les préférences pour une colline, proche d'un fleuve, dans des zones où préexistaient des voies romaines et où abondaient les terrains fertiles.

MOTS CLÉS: Moyen Âge (islamique); Urbanisme.

A Escolha do Sítio nas Cidades Islâmicas Portuguesas

Mafalda Gambutas Teixeira de Sampayo ¹

A cidade portuguesa é uma cidade de miscigenações de diversas culturas que por cá passaram. A cultura islâmica foi uma das que teve um peso muito grande, devido ao número de anos que reinou e ao facto de ser uma cultura essencialmente urbana. Perceber quais os traços fundamentais desta civilização que influenciaram o crescimento das nossas urbes é um dos nossos objectivos. Neste artigo vamos aprofundar as características da cidade islâmica através do estudo da escolha do sítio de implantação desta.

O modelo da cidade islâmica em Portugal tem muito em comum com as teorias apresentadas pelos diferentes investigadores do tema em Espanha (TORRES-BALBÁS, 1985; MALDONADO, 1992) e no Norte de África (GRUNEBAUM, 1955; MARÇAIS, 1945). Uma das razões para estas semelhanças prende-se com o facto de os sítios onde estas cidades assentam apresentarem as mesmas características, quer em termos geográficos quer culturais. Por outro lado, esta cidade é composta por determinados elementos (formas físicas determinantes na formação da imagem da urbe) que se repetem nos mais diferentes lugares e que se estruturam de forma idêntica.

Ibn Khâldun (1332-1406), historiador tunisino, foi, sem dúvida, um pioneiro do urbanismo. Ao estipular uma série de condições necessárias à fundação de uma cidade, mostrava um bom conhecimento das questões urbanas. Ele considerava importantes: a localização e construção das cidades, as questões sócio-económicas, o conceito de “zonamento” e a prática da administração municipal, e, ainda, a funcionalidade na arquitectura e na planificação urbana (HOTEIT, 1993: 8-9). No que diz respeito aos melhores locais para construir as cidades, Ibn Khâldun enunciou: “... proximidade da água doce (rios, ribeiros, fontes, etc.) e, simultaneamente, o alto de colinas, à beira-mar, junto de florestas, etc.” (SERAFIM, 1984: 76).

Manuel Espinar MORENO (1991: 207) e TORRES-BALBÁS (1985: 489) também se referem às teorias de Ibn Khaldun sobre a escolha do sítio na implantação de uma cidade. Segundo TORRES-BALBÁS (1985: 489), cada cidade diferenciava-se das outras pela sua situação geotopográfica, função territorial e dimensão.

¹ Prof.^a Auxiliar no Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

E dá exemplos concretos: Córdoba como cidade de planície; Almeria e Málaga como cidades porto com comunicações com o exterior; Granada era uma cidade de poder, mas desequilibrada por um forte declive e características do terreno. Ainda estudou as cidades de nova fundação na Península Ibérica, onde se escolhiam os lugares cumprindo uma série de requisitos, como: água abundante, terras férteis, bosques para lenha, muralhas que defendessem e uma autoridade forte que mantivesse a paz, a segurança dos caminhos e o castigo dos revoltosos. Estas razões são enunciadas por Ibn Khâldun quando nos fala da vida árabe, dos assentamentos e da construção de lugares habitados (MORENO, 1991: 207).

Para Ibn Khâldun, o seu povo procurava, antes de construir uma cidade, uma série de predicados que iriam garantir o bom funcionamento da mesma. Assim, a procura de um rio ou afluentes de água pura e abundante era uma preocupação preliminar, seguida de outras tantas especificidades igualmente importantes: *“O interesse pela água, a busca da água, a assisada utilização da água e o assentamento em lugares bem providos de água caracterizam a civilização muçulmana na Península, como aliás em muitas outras partes do globo”* (MARQUES, 1993: 163).

É importante lembrar que preocupações como estas, na escolha do sítio para implantação das cidades, têm tradição milenar. Vitruvius já chamava a atenção para isso: *“Quando se quer construir uma Cidade, a primeira coisa que se deve fazer é escolher um local saudável. Para isso deve-se escolher um local elevado...”* (VITRÚVIO, 1998: 16-19). Vitruvius diz ainda que devem ser evitados locais expostos a Sul ou a Poente. Ora, nós sabemos que existem imensas cidades islâmicas com esta orientação; assim os princípios romanos e árabes não seriam de todo iguais. Por outro lado, como sabemos, a obra de Vitruvius foi divulgada na Idade Média apenas por eruditos e monges, sendo cânone entre os arquitectos apenas a partir do século XV, com o Renascimento.

A qualidade do ar, o facto de as águas não estarem poluídas, a existência de bons pastos e o ter boas terras para cultivo não escapavam à observação destes colonizadores. Ao longo da história, os princípios dos ideais urbanísticos terão evoluído, mas em todos eles é possível analisar pontos em comum. Assim, se virmos as teorias de Eiximenis também verificamos: a procura de lugares marítimos – aqui por razões comerciais –; a protecção da cidade com fortes muralhas e a colocação estratégica das suas portas; a localização do palácio do príncipe, fortificado, num costado (IGLESIAS, 1985: 28-30).

Um dos aspectos patente na maioria das cidades islamizadas do Sul de Portugal, é a implantação em locais inacessíveis aos forasteiros, como cumes de montanhas escarpadas ou, ainda se possível, a escolha de uma península, rodeada por mar ou rio. No caso de Mértola, temos patentes estas duas características: uma montanha escarpada e dois rios (o Guadiana e o Oeiras) que contornam a montanha. Em Aljezur, uma vila algarvia nas proximidades de Lagos, também foi escolhido um cume rodeado por uma lagoa marítima, que tinha certa-

“Ao longo da História, os princípios dos ideais urbanísticos terão evoluído, mas em todos eles é possível analisar pontos em comum.”

mente terras férteis e águas correntes. E muitos outros exemplos demonstram estas opções estratégicas por parte dos Árabes.

Georges Marçais defende que a origem da cidade islâmica está dependente de um dos seguintes elementos: um ponto de água num país desértico, um vale fértil e bem irrigado, um lugar de passagem obrigatória numa grande via terrestre, um porto natural numa grande via marítima, uma posição estratégica impenetrável (MARÇAIS, 1945: 517). Por outro lado, independentemente das civilizações que ocuparam a cidade, os seus atributos físicos estão lá, podendo ser ou não a causa do seu desenvolvimento.

Depois de escolhido o local de implantação, era então protegida a aglomeração com muralhas das quais ainda encontramos vestígios em muitas destas cidades.

Assim sendo, podemos enumerar seis condições favoráveis para a construção das cidades islâmicas (IBN KHÂLDUN, 1936):

- 1ª) A existência de um rio ou de afluentes com água pura e abundante para o povoado;
 - 2ª) A existência de ar puro;
 - 3ª) A possibilidade de, na envolvente da cidade, existirem bons pastos, montes ou bosque que proporcionassem madeira para a construção e lenha para as pessoas;
 - 4ª) A construção, por razões de defesa, no cume de uma montanha escarpada e/ou numa península rodeada por mar ou na orla de um rio;
 - 5ª) A existência de tribos nas proximidades do aglomerado, gentes com espírito de luta para, se fosse necessário, defender aquele espaço;
 - 6ª) A existência de muralhas. Todas as cidades deviam estar protegidas por uma muralha, a qual deveria ter também espaço para recolher os habitantes agricultores que se encontrassem nas proximidades.
- Para além das questões ligadas à localização e construção, Ibn Khâldun definiu, também, teorias sócio-económicas tão aprofundadas que pode dizer-se serem parecidas com algumas políticas actuais ligadas às dinâmicas regionais.

Foram também pensados aspectos ligados à organização da cidade e à sua administração. Surge a *hisba*, um cargo religioso encarregado de investigar os crimes e que dita penas, por forma a obrigar as pessoas a respeitarem e a interessarem-se pela cidade.

Sobre a funcionalidade na arquitetura e na planificação urbanas, Ibn Khâldun escreveu também algumas teorias que ainda hoje são válidas. Ficou explícito que a água é um bem necessário ao urbanismo islâmico, podendo resolver uma série de funções indispensáveis ao bem-estar do homem: a função alimentar, a função higiénica, a ajuda no transporte de mercadorias, etc. (EPALZA, 1991: 21). Daí que, antes de edificar uma nova cidade, o árabe se assegurava da existência deste elemento vital. Ele assume tão elevada importância dentro do aglomerado urbano que chega a condicionar a estrutura e implantação do conjunto.

Embora a maioria das cidades islâmicas portuguesas esteja implantada em sítios defensivos, o monte não foi o único aspecto de relevo nessa escolha; o cruzamento de vias e o sustento da população (agrícola, comercial, etc.) – *“a produção concentrada de riqueza”* – sobrepõem-se seguramente ao relevo. Contudo, se podiam reunir todas as funções incluindo a defensiva, tanto melhor: *“Podemos considerar a centralidade ou acessibilidade como a primeira (se não, no fundo, a única) razão explicativa para a localização de qualquer estabelecimento do homem”* (GASPAR, 1975: 119). Jorge Gaspar considera que o sítio se sobrepõe à morfologia do terreno e afirma, em relação ao factor defesa na localização original das cidades portuguesas, que *“esse factor não é, na maior parte dos casos, de ordem locativa, mas tão só situacional”* (GASPAR, 1975: 120).

Nos sítios das cidades islâmicas em Portugal duas componentes geográficas se destacam: a colina e o rio. Estas duas características influenciaram consideravelmente no desenvolvimento das urbes.

Como é do conhecimento de todos, o posicionamento de cada cidade ou aglomerado é único. O sítio e as culturas contribuem na formação das cidades e daí que, em função de sítios com as mesmas características e com as marcas das mesmas culturas, possam existir situações análogas: *“As cidades são entidades únicas; não há duas iguais no mundo, mas há cidades que se assemelham estranhamente. As cidades constituem entidades únicas porque raras vezes estão implantadas em sítios rigorosamente iguais, mas apresentam, como as pessoas, um ar de família; cada uma traz a carga genética das civilizações que lhe deram origem e é à luz destes encontros e destas semelhanças que tem de fazer-se o estudo de uma cidade”* (RIBEIRO, 1986: 373).

No entanto, e estando em presença de características topográficas semelhantes, as pareências na implantação da malha urbana podem levar-nos a fazer classificações onde se agrupam determinados tipos e subtipos de cidades. Vários autores de diferentes nacionalidades, ao estudarem a cidade islâmica, terão abordado os possíveis desenvolvimentos da mesma. Destacamos o trabalho de Christine MAZZOLI-GUINTARD (1996), Agustín Sanmiguel MATEO (1991), e Cristóbal GUITART APARÍCIO (1976). Em relação a Mazzoli-Guintard, o seu texto *“Villes d’al-Andalus. L’Espagne et le Portugal à l’Époque Musulmane (VIIIe-XVe siècles)”* foi de grande importância na caracterização dos tipos fundamentais de cidades do al-Andalus; Sanmiguel MATEO (1991 e 1999) fez uma abordagem muito pormenorizada a um subtipo de aglomerados urbanos, a que ele chamou de *“cidades islâmicas em barranco”*.

Contudo, não podemos dizer ser o sítio o único ditador da cidade; a vontade do homem é também uma condicionante. As cidades fazem-se do diálogo entre o lugar e o poder da sociedade, como refere Rui Mateus: *“O território é assim como que a matéria prima à espera das mãos que vão moldar, mas que possui, também, características próprias, dessa forma condicionando o processo da sua própria transformação”* (MATEUS, 1995: 15).

Embora saibamos que havia uma preferência por sítios altos na escolha da implantação das cidades islâmicas na Península Ibérica, dado que estas tinham de obedecer a imposições estratégicas de defesa, típicas de uma sociedade de fronteira (FERNANDES, 1986: 14), nem todas se encontram em cimos de outeiros e muitas há que se localizam em lugares planos. Segundo Mafalda SAMPAYO (2001), existem dois grupos distintos de cidades: as assentes em terreno plano e as assentes em terreno acidentado, e suas variantes. Paisagens urbanas que Christine MAZZOLI-GUINTARD (1996) considerou serem tipos fundamentais e se encontram muitas vezes ao longo da história muçulmana da Península Ibérica. O que faz a diferença nestas cidades? Por um lado, a paisagem; por outro, a morfologia urbana.

Em Portugal quase não existem cidades de planície, pois durante anos os objectivos estiveram relacionados com questões de defesa. Daí que Orlando Ribeiro englobe as nossas vilas e cidades nos demais sítios urbanos mediterrâneos (RIBEIRO, 1998: 96). As cidades de planície que temos desenvolveram-se quase todas ao longo de uma praia ou na borda de rios, como nos afirma o mesmo autor.

É a diversidade topográfica que faz com que existam tantos modelos de cidades islâmicas na Península Ibérica: *“Habria que añadir como cuarto factor el de la topografía, que impuso asentamientos urbanos muy diversificados y que consecuentemente generó una apretada gama de «formas» o modalidades urbanas”* (MALDONADO, 1992: 13). Torna-se assim difícil falar de um só arquétipo para as cidades islâmicas peninsulares. Vários estudos têm sido realizados ultrapassando a mera monografia e desenvolvendo trabalhos de síntese e de visão urbana.

Neste sentido, o texto de Christine MAZZOLI-GUINTARD (1996) é revolucionário e, como este, outras investigações têm sido desenvolvidas. É de referir uma análise feita a cidades fortificadas da Turquia, na região denominada Anatólia (Ásia menor) (KUBAT, 1997).

Em ambos os estudos os objectivos eram os mesmos – a descrição morfológica dos núcleos urbanos islâmicos. Mas enquanto Christine Mazzoli-Guintard utiliza a história e a geografia para a sua investigação, Kubat baseia-se em dados matemáticos, na teoria de “*Space Syntax*”.

A. S. Kubat estudou nove aglomerados fortificados (Ankara, Antalya, Bursa, Diyarbakir, Iznik, Niğde, Urfa, Erzurum e Trabzon) e chegou a conclusões muito idênticas às de Christine Mazzoli-Guintard, que dedicou a sua análise às cidades de Portugal e Espanha. Mais uma vez se provou que a morfologia destas cidades está intimamente ligada às diferentes culturas que por lá passaram, ou seja, estas cidades são resultado do cruzamento dos Romanos, dos Bizantinos, dos Muçulmanos, povos que ocuparam sucessivamente a bacia mediterrânica.

Na maioria dos casos, os Árabes vão ocupar zonas já urbanizadas, cidades com história: “*Les Arabes envahissent les côtes méditerranéennes au milieu du VIIIe siècle; ils rencontrent d’abord les zones fortement urbanisées de l’Orient hellénistique, s’emparent des villes existantes – Alexandrie, Antioche, Damas, Jérusalem – et les adaptent à leurs exigences...*” (BENÉVOLO, 1994: 153). Muitas destas cidades apresentavam estruturas regulares, malhas perpendiculares que, embora adaptadas às necessidades dos novos ocupantes, mantiveram muitas das vias principais da cidade preexistente; veja-se o caso de Damasco.

Na história da cidade estiveram sempre presentes características morfológicas anteriores. Tem-se evoluído com a aprendizagem dos vários modelos que encorpam as diferentes urbes ao longo dos tempos. Assim, a cidade romana tem, certamente, elementos da cidade grega e a cidade árabe referências de muitas outras que a precederam.

A topografia é outra das grandes componentes nestas estruturas. No entanto, mesmo perante sítios diferentes, as características morfológicas são muito semelhantes: “*Although they are different in size, location, and topography, the integrated cores of the traditional settlements take the form of a deformed wheel and share the same deep structure or genotype*” (KUBAT, 1997: 121). Claro que poderão existir pequenas diferenças, aquelas que nos levam a fazer várias classificações.

O modelo da cidade islâmica também é responsável pela estrutura urbana desta. As actividades comerciais e religiosas características deste povo afectam a estrutura social, assim como o seu desenvolvimento urbano, não descurando as questões climáticas: “*The urban patterns which are constructed with the most integrated lines show similarities. The most integrated lines which are relatively longer lie at the centre where the major public structures such as commercial and religious buildings (a bazaar and mosque) are located*” (KUBAT 1997: 121).

O surgimento duma cidade num determinado sítio pode ter razões diversas, mas o seu desenvolvimento contínuo está intimamente ligado à geografia, como se depreende das palavras de Georges Marçais: “*Si la fondation d’une cité dans un but militaire ou politique est un fait historique, son existence prolongée au delà des circonstances qui l’ont fait naître et, mieux encore, son développement continu, supposent des conditions physiques favorables, que détermine la géographie, une utilisation des ressources de la nature qui relève de l’urbanisme*” (MARÇAIS, 1945: 520).

Analysaram-se dez cidades portuguesas (Santarém, Lisboa, Elvas, Évora, Alcácer do Sal, Mértola, Silves, Lagos, Tavira e Faro) (SAMPAYO, 2001) que, embora separadas por grandes distâncias, estão implantadas em sítios muito semelhantes. Todas desfrutam duma colina, à excepção de Santarém e Évora, que se localizam em planaltos. No caso de Évora está patente o controlo visual do território, pois dominava uma vasta planície alentejana. Santarém é um caso especial, uma vez que no seu desenvolvimento havia uma separação física entre os vários bairros da urbe. Verificámos que quando a implantação se desenvolveu numa colina foi sempre escolhida a vertente Sul, por ser a mais ensolarada. Foi assim em Lisboa, Elvas, Alcácer do Sal, Mértola, Silves e Tavira.

A presença dum rio e duma ou mais ribeiras é uma constante nos estudos de casos analisados. A água é essencial à vida das cidades islâmicas e ela aparece em todos os aglomerados estudados. Quando existe um rio, ele está a Sul da colina e condiciona em muito o desenvolvimento da malha urbana. A colina também é responsável pelo crescimento do tecido urbano.

Nas cidades abordadas dois rios se destacam pela constante presença: o Tejo (Santarém e Lisboa) e o Guadiana (Elvas e Mértola), importantes vias de comunicação em tempo medieval. Para além dos rios, principais eixos viários, outros eixos terrestres se evidenciam, muitos deles remontando aos Romanos. O facto de estas urbes se encontrarem em situação de encruzilhada impulsionou em muito o desenvolvimento das mesmas, que viviam da agricultura, mas também do comércio. Assim, o cruzamento de vias, muitas delas do tempo romano, permitiu que mesmo as regiões mais pobres em termos de fertilidade sobrevivessem gloriosamente ao tempo medieval. É o caso de Mértola, onde os terrenos são pouco férteis. Apenas Lagos não deve o seu grande desenvolvimento a uma situação de encruzilhada. Esta cidade algarvia vivia da riqueza do seu sítio e da proximidade que mantinha com alguns centros comerciais.

A condição agrícola de Mértola é uma excepção nas cidades apresentadas; em todas existiam terrenos férteis que, nalguns casos, conciliavam as potencialidades dum rio de grandes dimensões.

Desta forma, a riqueza do sítio parece ser uma condição da permanência dos aglomerados. Em muitas destas cidades portuguesas existiam bosques nas proximidades, o que pensamos ter sido um apelativo à ocupação das mesmas por parte dos Árabes.

A exploração mineira evidencia-se nalgumas das regiões das cidades estudadas; esta era uma actividade que já vinha de tempos anteriores. No caso de Mértola, esta actividade contrabalançava a pobreza dos terrenos para a agricultura.

Faro e Évora têm uma condição geográfica ligeiramente diferente. Évora não está na vertente Sul duma colina, mas no cimo de um planalto; Faro funcionava como uma pequena ilha ovalada implantada num montículo.

Na globalidade, a cidade islâmica em Portugal localiza-se na vertente Sul duma colina inclinada; tem um rio a seus pés; é atravessada por importantes vias romanas, ou estas estão na sua proximidade; dispõe de terrenos férteis com abundância de água potável, o que permite a cultura de hortas na envolvente da cidade; e, em muitos casos, usufrui também dum bosque. Aproxima-se assim das condições favoráveis para a construção das cidades islâmicas estabelecidas por Ibn Khâldun. 🐾

“Em geral, a cidade islâmica localiza-se na vertente de uma colina, tem o rio a seus pés, é atravessada ou está próximo de vias romanas, dispõe de terrenos férteis com abundância de água potável.”

BIBLIOGRAFIA

- BENÉVOLO, Leonardo (1994) – *Histoire de la Ville*. Paris: Parenthèses.
- EPALZA, Mikel (1991) – “Espacios y sus Funciones en la Ciudad Árabe”. In *La Ciudad Islámica*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, p. 21.
- FERNANDES, Hermenegildo (1986) – “Uma Cidade no Imaginário Medieval: Lisboa muçulmana nas descrições de Idrisi e de Ranulfo de Granville”. *Separata de Estudos Medievais*. Porto. 7: 3-28.
- GASPAR, Jorge (1975) – “Estudo Geográfico das Aglomerações Urbanas em Portugal Continental”. *Finisterra*. 19: 107-152.
- GRUNEBaum, Gustave Von (1955) – “The Structure of Muslim Town”. In “Islam: Essays in the Nature and Growth of a Cultural Tradition”. *Memoires of the American Anthropological Association*. 81: 141-158.
- GUITART APARICIO, Cristóbal (1976) – *Castillos de Aragón*. Zaragoza: Librería General.
- HOTEIT, Aida Youssef (1993) – “Espacio y Organización Urbana en la Ciudad Islámica”. *Cuadernos de Investigación Urbanística do Seminario de Planeamiento y Ordenación del Territorio del Instituto Juan del Herrera*. Madrid: Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, Departamento de Urbanística y Ordenación del Territorio. 5: 1-49.
- IBN KHÂLDUN (1936) – *Muqaddamah, les Prolegomènes de I. K.* Trad. e comentários Mac Guckin de Slane. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.
- IGLESIAS, Antonio Antelo (1985) – “La Ciudad Ideal Según Fray Francisc Eiximenis y Rodrigo Sánchez de Arévalo”. In *Actas del Coloquio La Ciudad Hispánica Durante los Siglos XIII al XVI*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, pp. 28-30.
- KUBAT, A. S. (1997) – “The Morphological Characteristics of Anatolian Fortified Towns”. In *Environment and Planning B: Planning and Design*. London: Centre for Advanced Spatial Analysis, University College London. 24: 95-123.
- MALDONADO, Basilio Pavón (1992) – *Ciudades Hispanomusulmanas*. Madrid: MAPFRE.
- MARÇAIS, Georges (1945) – “La Conception des Villes dans l’Islam”. *Revue d’Alger*. 2: 517-533.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1993) – “O «Portugal» Islâmico”. In SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Presença. Vol. II – Portugal das Invasões Germânicas à “Reconquista”.
- MATEO, Agustín Sanmiguel (1991) – “Apuntes sobre la Evolución Urbana del Calatayud Islâmico”. In *Simposio Internacional Sobre la Ciudad Islámica*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, pp. 447-464.
- MATEO, Agustín Sanmiguel (1999) – “Calatayud y Otras Ciudades Islâmicas en Barranco”. *Revista de Cultura y Opinión*. Calatayud. N.º 0.
- MATEUS, Rui (1995) – *Recuperação e Conservação em Zonas Históricas: contribuições metodológicas para a investigação geo-histórica associada ao planeamento urbano - Mértola, um caso de estudo*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico. Évora: Universidade de Évora. Texto Policopiado.
- MAZZOLI-GUINARD, Christine (1996) – *Villes d’al-Andalus. L’Espagne et le Portugal à l’Époque Musulmane (VIII-XVe siècles)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- MORENO, Manuel Espinar (1991) – “Del Urbanismo Musulmán al Urbanismo Cristiano. II: Andalucía Oriental”. In *Simposio Internacional sobre la La Ciudad Islámica*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, pp. 203-231.
- RIBEIRO, Orlando (1998) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: esboço de relações geográficas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- RIBEIRO, Ribeiro (1986) – *Évora. Sítio, Origen, Evolução e Funções de uma Cidade. Estudos em Homenagem a Mariano Feio*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- SAMPAYO, Mafalda (2001) – *O Modelo Urbanístico de Tradição Muçulmana nas Cidades Portuguesas (séc. VIII-XIII)*. Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano. Lisboa: Iscte. Texto Policopiado.
- SERAFIM, J. Laginha (1984) – *Ibn Khâldun, Historiador e Humanista*. Lisboa: Inquérito.
- TORRES-BALBÁS, Leopoldo (1985) – *Ciudades Hispanomusulmanas*. Madrid: Dirección General de Relaciones Culturales, p. 489.
- VITRÚVIO (1998) – *Os Dez Livros de Arquitectura de Vitruvius*. Tradução de Maria Helena Rua. Lisboa: Edição ICIST - Instituto de Engenharia de Estruturas, Território e Construção do Instituto Superior Técnico.

al-Qsar

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #18 (tomo 1) Jul. 2013

SADO

a etimologia do topónimo
do rio que passa em al-Qsar

Alcácer [do Sal]

ARRÁBIDA

recursos, vias e trânsito
no Bronze Final

O Conjunto Sepulcral Romano
do Monte da Loja (Serpa, Beja)

Dois Likes 👍 de Darwin
para o trabalho de Carlos Ribeiro



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo e Carlos Marques da Silva

Zona costeira da serra da Arrábida, vendo-se em fundo a península de Tróia e o estuário do rio Sado. Fotografia © Carlos Marques da Silva, com tratamento digital.



II Série, n.º 18, tomo 1, Julho 2013

Propriedade e Edição |
Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal
Tel. / Fax | 212 766 975
E-mail | secretariado@caa.org.pt
Internet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998
ISSN | 0871-066X (edição impressa)
ISSN | 2182-7265 (edição digital)
Publicidade | Elisabete Gonçalves
Periodicidade | Semestral
Distribuição |
<http://issuu.com/almadan>

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |
Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Ana Luísa Duarte,
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel
dos Santos (francês)

Aproximadamente no primeiro semestre de 2013 (14 de Janeiro a 13 de Julho, data em que são escritas estas linhas), o conjunto das seis edições da *Al-Madan Online* regista dados estatísticos impressionantes para uma publicação desta natureza e temática: 15 587 visualizações na plataforma ISSUU, das quais 1626 correspondem a leitores *online* em consultas de duração média superior a duas horas, enquanto 404 preferiram fazer *download* para utilização fora da Internet. No mesmo período, destacando desse conjunto os valores da última edição – o Tomo 2 da *Al-Madan Online* 17, colocado em linha no passado dia 25 de Janeiro –, é ainda mais eloquente o registo: 3666 visualizações, 692 leitores *online* (acessos com 3.35 h de duração média) e 199 *downloads*.

Esta imagem quantitativa traduz o interesse crescente e sustentado pelos conteúdos que o Centro de Arqueologia de Almada disponibiliza gratuitamente na Internet, através da *Al-Madan Online*. E, ainda que a afirmação não decorra da aplicação de algum tipo de ferramenta analítica para o efeito, corresponderá certamente a uma avaliação qualitativa positiva por parte dos leitores e dos colaboradores.

Ecos dessa avaliação positiva chegam-nos frequentemente, por várias formas, e constituem estímulo importante para manter e aperfeiçoar um projecto editorial que entendemos como serviço público prestado aos investigadores portugueses e, em geral, um dos contributos ao nosso alcance para promover a Cultura científica e a Educação patrimonial no país.

Um dos indicadores mais evidentes do que acima se escreveu é o aumento do número e da diversidade de originais recebidos para publicação, dando sentido ao recente reforço da periodicidade da *Al-Madan Online*, semestral desde o n.º 17. Prova-se assim a vitalidade e a dinâmica da comunidade científica, nomeadamente a que se dedica às áreas da Arqueologia, do Património, da Museologia e de outras ciências relacionadas. E prova-se também a confiança que esta tem na *Al-Madan* enquanto veículo privilegiado para a divulgação do seu trabalho.

Apresentamos assim mais um número equilibrado e variado, que reúne artigos de opinião sobre diferentes problemáticas e publicita os resultados de trabalhos arqueológicos e antropológicos recentes, com múltiplos enquadramentos cronológicos e geográficos. Insere ainda alguns estudos de materiais e um apontamento interessante para a historiografia arqueológica portuguesa.

E não podemos esquecer a complementaridade com a tradicional *Al-Madan* impressa e as suas 176 páginas de outros conteúdos originais. Infelizmente, o volume preparado em paralelo com este tomo da *Al-Madan Online* sofreu um adiamento que esperamos curto, face ao atraso na entrada das receitas que garantiriam ao CAA as condições para a impressão tipográfica da maquete entretanto paginada. Apela-se, por isso, à compreensão dos leitores e, em particular, dos colaboradores afectados.

Jorge Raposo

Modelo gráfico | Jorge Raposo

Tratamento de imagem, ilustração e
paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Graziela Duarte,
Elisabete Gonçalves, José Carlos
Henrique e Fernanda Lourenço

Colaboram neste número |

Carlos Boavida, José M. Brandão,
António Rafael Carvalho,
Tânia Manuel Casimiro, Sónia Cravo,
Victor Filipe, Joana Alves-Ferreira,
José Paulo Francisco, Ana Sofia
Gervásio, André Gregório,
Javier Larrazabal Galarza,

Marina Lourenço, César Augusto
Neves, Carmen Pereira, Mafalda
Teixeira de Sampayo, Miguel Serra,
Pedro da Silva, Telmo Silva,
Vera Santos e Ricardo Soares